

social dos Yanomami está disperso no decorrer da obra. Podemos perceber que o sistema político Yanomami é baseado na oposição entre facções e que as relações entre o sistema de parentesco e facções são estreitas. No entanto, muitas vezes a filiação a uma facção pode ocorrer de acordo com os arranjos e contextos políticos. A vida política Yanomami é dotada de uma dinâmica ora dada pelo parentesco, ora dada pelos arranjos políticos. Todo jogo político no interior dessas sociedades é um equilíbrio frágil e sutil entre os grupos de linhagens, as facções e a estratégia pessoal dos líderes.

O livro sugere – graças ao estilo de redação adotado por Jacques Lizot – reflexões sobre a presença do autor no texto etnográfico, questão que remete à problemática da produção do texto etnográfico, tema que ocupa posição central na reflexão antropológica atual.

Em *O círculo dos fogos*, Jacques Lizot não fornece uma forma direta de análise, o que sugere ao leitor fazer a sua própria interpretação dos dados etnográficos descritos. Mas este "desaparecimento" do autor é apenas relativo, pois o antropólogo seleciona diálogos, acontecimentos, temas e, ao escrever, introduz capítulos etc. O autor pretende diluir-se no texto – o que não quer dizer que ele se limite apenas a transcrever diálogos –, minimizando a sua presença para também dar espaço à voz e às interpretações dos Yanomami. Isto se refere a uma maneira de abordar uma cultura bastante sugestiva, já que se constitui em incorporar ao texto etnográfico tanto o pensamento do autor quanto o dos próprios Yanomami.

O que também desperta a atenção, durante a leitura, é o fato de as pessoas não serem descritas como indivíduos típicos ou representantes de posições gerais: os "personagens" Yanomami são claramente individualizados e distinguidos por seus nomes pessoais.

Um dos grandes méritos da obra de Jacques Lizot está em despertar a curiosidade a respeito do que vem a ser a cultura Yanomami, sem entretanto fornecer a interpretação, mas propondo uma interpretação entre outras possíveis. Além disso, dá ao leitor uma oportunidade de reflexão, tornando a leitura do livro muito estimulante.

Thomas, Keith. *O homem e o mundo natural*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989, 454 páginas.

Grupo PET
Alunos de Grad. do Curso de Ciências Sociais/USP

Em linhas gerais, poderíamos dizer que o objetivo de Keith Thomas ao escrever *O homem e o mundo natural* foi o de mapear as mudanças de valor e atitudes dos homens em

relação às plantas e animais, entre o século XVI e o final do século XVIII na Inglaterra, ou, em suas próprias palavras, mapear "(...) a profunda modificação das sensibilidades que ocorreu na Inglaterra entre o século XVI e o final do século XVIII" (p. 18).

Trata-se na verdade de uma abordagem histórica de uma problemática clássica de antropologia: as formas de classificação que os homens elaboram do mundo natural ao seu redor. Tema antropológico sim e não apenas do campo das ciências naturais como poderia sugerir, posto que, ao pensar "o mundo ao seu redor", o homem está, na realidade, pensando sobre si mesmo, no seu contínuo processo de autodefinição.

Ao mesmo tempo, é uma abordagem histórica por tratar de uma época passada e bem localizada, a Inglaterra do século XVI ao XVIII, e daí a necessidade das mais diversas fontes documentais – literatura, panfletos religiosos e filosóficos, livros de história natural etc.

Uma das preocupações do autor é mostrar como as modificações nas idéias, atitudes e sensibilidades não se dão linearmente, nem de forma homogênea, entre os diversos grupos sociais. No entanto, devido ao distanciamento histórico, é possível visualizar as tendências gerais e predominantes do processo.

A complexidade do livro se encontra também no fato de Keith Thomas não estabelecer um determinismo entre forças produtivas e sensibilidades, mas sim buscar as interinfluências entre as duas esferas.

Sendo impossível abarcar aqui toda essa complexidade, tentaremos expor em linhas gerais o percurso seguido no livro.

Num primeiro momento, há o homem concebendo o mundo natural como existindo exclusivamente para o seu domínio e usufruto, justificando suas crenças e ações através dos pressupostos teológicos e da filosofia clássica.

A partir dessa necessidade de dominar a natureza, tem-se o desenvolvimento da história natural enquanto ciência. Uma classificação baseada em simbologias sociais e na utilidade da natureza para o homem foi gradualmente dando lugar à designação do mundo natural como algo próprio, separa do homem "para ser visto e estudado por um observador externo" (p. 106) a partir das características intrínsecas da natureza.

Assim, a fusão entre o mundo natural e humano, base do pensamento mágico, dá lugar a um mundo organizado pelas categorias racionais da ciência, aprofundando o fosso entre visão popular e erudita. As crenças populares passam, então, a ser vistas pelos naturalistas como superstição e ignorância, tornando-se o pensamento desses últimos predominante na sociedade.

Com o advento da modernidade e os processos de industrialização, urbanização e crescente marginalização da função dos animais na produção, o homem das classes médias, urbanas e educadas, que já tinha estabelecido uma clara fronteira com o mundo natural, agora sente necessidade de uma reaproximação. Isso se expressa claramente quando

esse homem atomizado e individualizado traz para dentro de casa seu fiel e subordinado "amigo": o animal de estimação.

A questão fundamental que permeia todo o livro é a busca do homem de construir sua identidade enquanto "ser humano universal", o que só é possível em contraposição com a natureza. É importante ressaltar, no entanto, que essa natureza é uma elaboração simbólica do homem projetada e reapropriada segundo seus valores. Fica claro então que é impossível ao homem, na sua busca de ordenar o mundo, fugir à prisão do antropocentrismo.

Esse antropocentrismo não se revela somente em relação à natureza, mas a tudo o que não se encaixa na noção de ordem hegemônica. Assim, povos "primitivos", mulheres, negros, loucos, pobres, crianças, portadores de deficiência são tidos como mais próximos ao mundo natural. Esses grupos sociais marginais à ordem puritana, burguesa, erudita e masculina, pela sua condição liminar, são encarados como fonte de perigo que tem de ser subordinada e dominada. Estabelece-se, assim, uma analogia entre domesticação e subordinação, isto é, domínio sobre animais e controle político social, ambas relações de força e poder. Mas mais do que isso, o homem tenta incessantemente reprimir dentro de si mesmo as forças instintivas que o brutalizam.

Vemos, assim, a atualidade dessa questão, por um lado pela persistência do preconceito em relação ao "outro" diverso; mas também pelo repensar a relação entre homem e natureza. Na medida em que se percebe que para sobreviver é preciso dominar, também para sobreviver é preciso pensar em formas cada vez menos agressivas de efetuar essa dominação.

Para sua complexidade, o livro por vezes deixa o leitor perturbado com possíveis contradições que fazem, por outro lado, sua beleza, expressando as próprias contradições da alma humana.

São Paulo, 24 de julho de 1992.

GRUPO PET:

Carolina Moreira Marques

Gabriela Amatuzzi de Andrade

Ilana Goldstein

Hilton Cesar Casagrande

Lilian Aparecida Matias

Mirella Berger

Paula Galli Senna

Simone Rodrigues da Silva